

# um canteiro de flores para o túmulo de um revólver

***Cristiane de Mesquita Alves\****

---

\*Professora/ Escritora. Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC da Universidade da Amazônia (Unama/Bolsista Prosup/CAPES). Autora do livro *A voz do narrador e da personagem através da memória em Machado de Assis e Milton Hatoum* (Paco Editorial, 2017) e do texto *A mulher que ficou para mim*, uma das poesias do livro *O feminino na poesia: Antologia Poética de professoras poetas* (Todas as Musas, 2018). E-mail: [cris.mesquita28@hotmail.com](mailto:cris.mesquita28@hotmail.com).

A vida faz o amor se transformar em outros sentimentos. Tornando o sorrir um músculo entorpecido pelo frio dos descasos, da ausência na presença de um corpo, que não se sente mais o calor, no repouso do travesseiro ou no gozo entre os lençóis. Com o tempo, essa mutação foi chegando a meu coração, exausto de se calar em um corpo volumoso e cansado do dia a dia, do ônibus, dos gritos na escola e dos serviços de casa, que sempre pareciam que era um lugar só de um, de uma mulher sem par.

Ele não foi o grande amor da minha vida. Assim como outras coisas vão chegando, outras partindo, ele deveria ter ido também, seguindo o fluxo de todas as coisas ruins que passaram por mim. Não era uma mulher feia. Era calada, tinha medo do escuro e não gostava de armas. O fogo nas mãos arde! Ele deveria não voltar das muitas viagens que fazia, e nas quais, minha companhia era, para ele, desnecessária. Mas, voltava não sei o porquê. Não perguntava a ele nada, suas ofensas e pancadas em direção ao meu rosto, já me condenava demais ao estado de uma Madalena ao chão da Galileia. E, no meu caso, não tinha em nenhum desses ataques de fúria, um Jesus para me ajudar. Minha culpa segundo ele, era a minha passividade, trabalho, estudo e calma. “Mulheres assim, não prestam.” Ele me julgava, condenava-me e se dizia religioso.

Das minhas pequenas alegrias, eu não era. Preferia viver por aqui mesmo, no meu paganismo. Entretanto, até o fim da noite, depois de suas bebedeiras e jogos de futebol ou vôlei com seus

amigos, atirava-se sobre mim como um lobo, dilacerando minhas pernas, penetrando-me como uma vara de espinhos, depois que as flores foram retiradas e o galho jogado fora, sem encanto, sem cheiro, sem prazer...

Éramos infelizes, e eu a culpada por não ser Lady Macbeth. No entanto, íamos vivendo os dias e algumas noites. Uma delas, ele chegou depois das duas da madrugada. Ouvi sua voz mesclando com a dela. Preferi só ouvi-los. Pela manhã, vi um revólver sobre a mesa. A porta da cozinha estava entreaberta, e ele, com uma par em uma das mãos, acabara de cavar a terra, no jardim de minhas flores. Assustou-se com o barulho da fechadura velha, e com um olhar em direção a mim, indiferente, continuou o que estava fazendo, e se contentou em justificar: “Para quê tantas flores, já dão para eu usar no teu velório”. Alguém bateu a porta da frente. Por mais que eu me dispusesse a ir atendê-lo, ele se prontificou em ir. Era um de seus amigos. Tomei café, disse-lhes bom dia e fui ao trabalho.

Três dias depois, nos noticiários e nas redes sociais só se compartilhavam posts de uma policial que havia desaparecido. E, ao olhar para a mesa, a arma ainda estava lá. Pela noite, ele chegou cedo, acompanhado pelo amigo da manhã de outrora. “É a arma? E sua mulher?”. Olhou-me com desdém, “Uma mosca morta!”. Fiz-me de desentendida. Mas, quando levantei da mesa de jantar, em direção à torneira e um saco de adubo para regar e alimentar minhas flores, ele levantou-se enfurecido, impedindo-me de ir ao canteiro. Como de costume, seus excessos de violência se manifestaram e o amigo envergonhado, saiu despedindo-se em direção à rua.

Quando ele me jogou sobre a mesa, cai junto à arma. Já disse que não gosto de armas! Como também não gosto de outras coisas e tenho que conviver com elas. Por minutos, fiquei entre a fúria daquele homem e o fogo que estava naquele chumbo frio em minhas mãos. Levantei como Joana em espada nas mãos, mirei com o espírito de uma Amazonas, com a maior das certezas que tive: atirei certo bem no meio da cabeça. Senti alívio. Lembrei-me do meu jardim.

Estava uma noite de lua. Senti que o homem da Lua me olhava. Não me incomodei. A partir daquela noite, já estava aprendendo a não ter medo de homens. Peguei em algumas flores. As rosas acabaram de brotar naquele dia. Lembrei-me de que tinha um cadáver no chão de minha sala de jantar. E, antecipei o velório, no qual minhas flores futuramente participariam. Ao cavar o canteiro onde elas floresciam, encontrei o corpo da policial dos noticiários, morta por ele. Olhei-a assim como o olhei. Sou uma esposa boa, e ele nunca percebeu. Tão boa, que decidi enterrar o corpo dele ao lado da amante. Não me atrevi a colocar flores nas mãos dela. Para o buquê, coloquei o revólver. Minhas flores não mereciam ficar sem luz do sol ou da lua.

Enterrei-os sozinha, como sempre fiz as coisas.

Pela manhã, o amigo dele reapareceu. Disse que ele não havia ido jogar futebol à noite e nem tinha ido ao bar depois, conforme o compromisso deles. Mirei cautelosamente para aquele homem, que não conseguia disfarçar angústia em seu olhar, e

respondi: “Eu sei que ele não foi”. Aterrorizado aquele homem ficava a cada instante. Ao se despedir de mim trotando os passos, com o intuito que eles ganhassem velocidade para escapar dali, eu me despedi dele dizendo-lhe as últimas palavras que ele iria ouvir, com meu sorriso que encontrou conforto de seu músculo adormecido há muito tempo, sem sorrir: “Eu sei, eu sou uma mosca morta”.